

DESTRUIÇÃO DA PRÓPRIA VIDA Suicídio - Causas e Lucros



As universidades precisam pesquisar as diferentes estratificações sócio-econômicas, culturais, étnicas, os preconceitos, principalmente de gênero e de idade, e o xenofobismo que, muitas vezes, conduzem ao isolamento comum em diversas cidades do Brasil.

Existem homens e mulheres que optam por morarem em sua casa independente de terem companheiro/a ou não. Não podem ser isolados nem discriminados por isso.

As famílias estruturadas com relações afetivas doentias como já vimos ao longo da história, não produzem saúde e bem estar; isso surge das relações afetivas de colaboração e cooperação que se estabelecem nos diferentes campos de nossa vida.

Muitas famílias, onde o autoritarismo impera, mantêm mulheres subjugadas por vezes à base de remédios, sendo provedoras ou não. Essas mulheres são dopadas dia a dia. Nada como levar o diagnóstico pronto ao profissional de saúde amigo.

Por características da construção das personalidades masculinas, que só se modificará ao longo da história com muitas perdas infelizmente, entrevistamos” mulheres dopadas que ficam anestesiadas e quase dormindo, o que impossibilita qualquer trabalho psicoterapêutico, principalmente quando os “responsáveis” não têm o menor interesse em participar de uma entrevista.

É visível o domínio do gênero masculino e a convivência inconsciente ou a impotência de muitas mulheres.

Numa cidade em que se supervaloriza os casamentos, seja em que base ética, fica difícil a existência do companheirismo e do afeto que é o que protege e dá VIDA, e não tira a vida. **Precisa haver uma troca de energia vital!**



Para Wilhelm Reich a autodestruição, que pode chegar ao suicídio, é fruto de inúmeras frustrações que resultam em violência contra si ou contra os outros. No período contemporâneo em que vivemos podemos citar alguns fatores que conduzem à baixa auto estima: falta de trabalho, desemprego, consumismo desenfreado, falta de valorização da VIDA, discriminações, preconceitos, impossibilidades de vários homens de se sustentarem, de serem provedores, consumismo com valor mais elevado que a própria VIDA, aposentadorias insuficientes para uma vida de qualidade, falta de perspectivas político-econômicas, descaso com o transporte, com a saúde, com a educação e com a habitação. Isso, sem falar nas nossas águas e alimentos contaminados que produzem inúmeras doenças, inclusive a depressão. Sem descontaminação fica difícil mudar qualquer quadro, só alimentar a doença físico-emocional e aprofundá-la.



Existem valores e padrões de comportamento que, em certas cidades, se acentuam independente da política de dominação e descaso com a vida que acontece no mundo, com a subserviência de governantes em relação às grandes corporações, principalmente os laboratórios, cujo capital circula de um país para outro de acordo com a conveniência do lucro e do consumo.

Muitos de nós profissionais de saúde, sem percebermos, diagnosticamos as pessoas pelo seu status de casadas, solteiras, idade, etc. Esses diagnósticos não são multidisciplinares, nem abordam as causas de tanta tristeza ou agressividade. O mais fácil é diagnosticar como depressão, transtorno bipolar, déficit de atenção e vai por aí.

O atendimento familiar não agrega os diferentes profissionais de saúde nem condições de mudança nas relações interpessoais. É apenas uma passagem pelas “casas”, quando existem, sem que haja nenhum contato ou discussão entre os profissionais com respeito às relações que se dão naquele espaço físico (dominação, descaso, humilhação, carências físicas e psicológicas? Como intervir?).

Às pessoas acima de 60 anos, chamadas de “idosas”, se oferece brincadeiras, danças, algum esporte mas não se aumenta as aposentadorias nem se ajuda a desenvolver Projetos de Vida, como se a vida delas fosse só aguardar a morte e sustentar os laboratórios ou alguns pseudo protetores.

Existem cidades que têm alguma coisa para eles fazerem para “passar o tempo” mas transporte adequado para frequentar lugares como teatro, cinema, nem pensar. Muitos motoristas reclamam que os “idosos” ficam passeando de ônibus!!!

Aguardar uma consulta médica leva, em geral, meses. Com esse **assédio moral** que diminui a auto estima podemos esperar o quê? Se uma cidade que não proporciona qualidade de vida (bom transporte coletivo, saúde, educação, participação nos rumos da cidade e perspectivas de mudanças), com uma economia mal posicionada no estado só pode produzir auto ou hétero destruição em qualquer idade, quando não pessoas sem ética, rígidas, doentes física e ou psicologicamente.

Os Conselhos de Psicologia estão lutando pela participação dos Psicólogos nas Políticas Públicas. Não foi por nada que esta que escreve fez na década de 90 Pós-Graduação em Sociologia Urbana.

A participação na vida e transformação das cidades aglutina, não isola nem dá depressão! Um caso ou outro pode ter um histórico de abandono e traumas infantis que não serão agravados com o acompanhamento multidisciplinar devido e com políticas públicas convenientes.

Se desejar, consulte ou construa uma pesquisa junto à instituição científica na qual trabalha:

<http://www.avozdaserra.com.br/noticias.php?noticia=9830>

[Amamentação, depressão e suicídio.](#)

Formato do arquivo: PDF/Adobe Acrobat - [Visualização rápida](#)

de MK Naibo - [Citado por 1](#) - [Artigos relacionados](#)

Amamentação, depressão e *suicídio*. Centro *Reichiano*: Curitiba,

vivências de frustração, agressão, injustiças, ainda segundo a *visão* do mesmo essas

www.centroreichiano.com.br/.../NAIBO,%20Monica%20C.%20-20Amamentação,%20depressão%20e%20suicídio.pdf

- [Similares](#)

Reich, Wilhelm. Casamento indissolúvel ou relação sexual duradoura. SP: Martins Fontes, s/d.

Escute, Zé-Ninguém. Trad. W. Barcellos. SP: Martins Fontes, 1998.

Hirigoyen, Marie-France. Assédio moral – A violência perversa no cotidiano. Trad. Maria H. Kuhner: RJ: Bertrand Brasil, 2000.

Bauman, Zygmunt. Comunidade – a busca por segurança no mundo atual. Trad. Plínio Dentzien. RJ: Jorge Zahar Ed. 2003.

Benedetti, Ieda. A produção do TODA/H – Transtorno de déficit de atenção com ou sem Hiperatividade. SP: Scortecci, 2009.

Psicóloga Vanda Barreto Lopes –CRP 05/1054 - Psicoterapeuta Reichiana
Pós- Graduação em Sociologia Urbana, UERJ/RJ- Pós-Graduação em Psicopedagogia, UCAM/NF
Revisora: Vilna Reis